



Propriety of the Erich Fromm Document Center. For personal use only. Citation or publication of material prohibited without express written permission of the copyright holder.
 Eigentum des Erich Fromm Dokumentationszentrums. Nutzung nur für persönliche Zwecke.
 Veröffentlichungen - auch von Teilen - bedürfen der schriftlichen Erlaubnis des Rechteinhabers.

Ⓝ

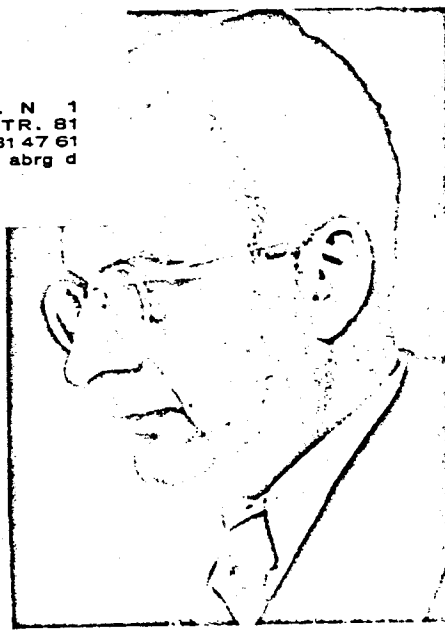
CARLOS STRUWE
 KORRESPONDENT FOR DEUTSCHLAND

EDITORA ABRIL LTDA.
 SAO PAULO - BRASILIAEN

5000 K O L N 1
 LOTHRINGER STR. 81
 TELEFON (0221) 31 47 61
 TELEX B 881 650 abrg d



Lorenz: a agressão é um impulso...



...que Fromm considera inevitável

O homem violento

Personagens tão distantes como Adolf Hitler e Sigmund Freud, os peixes de coral e a bomba atômica, vêm pontuando, nos círculos acadêmicos europeus e americanos, uma das mais incendiárias polêmicas científicas e filosóficas desencadeadas ultimamente — e que busca, fundamentalmente, desvendar o enigma da agressividade humana, suas raízes, suas causas e seus aspectos mais dramáticos. Em resumo, o debate se situa sobretudo em torno de uma indagação básica: até que ponto a agressividade do homem diante de seus semelhantes seria um impulso instintivo ou apenas uma reação adquirida a partir do convívio social?

A mais recente resposta partiu do psicanalista e sociólogo Erich Fromm, 74 anos, alemão de nascimento e americano de nacionalidade, cujo livro "Anatomia da Destrutividade Humana" acaba de invadir com estrondo as livrarias européias e as salas universitárias de debate. Mas a intervenção de Fromm, que escondia a pretensão de conciliar as duas correntes habitualmente rivais, provavelmente terá o efeito contrário. Na verdade, ele poderia estar inaugurando uma nova teoria — e adicionando algumas pitadas de pólvora à incandescente discussão.

De fato, Fromm não tomou o partido dos "instintivistas", os fiéis legionários do etologista Konrad Lorenz ("Os Sete Pecados Capitais da Civilização" e "A Agressão — História Natural do Mal"), que, a partir de analogias com o com-

portamento de peixes e pássaros, consideram a agressividade humana um indelével estigma genético, um impulso irrefreável ditado pela própria herança animal. Nem endossou a tese dos marxistas, dos estudiosos do meio ambiente e dos behavioristas, que estabeleceram esta improvável confraternização para proclamar em conjunto que a agressividade humana é um fenômeno exclusivamente ligado às condições sociais.

Um Hitler dentro de nós — Para Fromm, um dos mais originais pensadores sociais dos Estados Unidos, autor de obras consagradas como "A Arte de Amar", "Psicanálise da Sociedade Contemporânea" e "Medo à Liberdade", o fenômeno da agressividade se localiza no caráter de cada homem — que possui estrutura e leis próprias, independentes dos meros impulsos instintivos ou dos modelos sociais com que convive. "O homem é o único primata que tem satisfação ao destruir ou torturar seus semelhantes", afirma Fromm, "sem precisar de motivos biológicos ou econômicos."

Nas quase 500 páginas de seu livro, o psicanalista denuncia um drástico rompimento com seu antigo mestre, Sigmund Freud, para quem instinto e caráter também constituíam instâncias diferentes da personalidade, mas que seguramente não concordaria com a noção de que o homem, "por seu próprio caráter", está propenso a torturar e a matar. Em suma, o pensamento freudiano não aceita, como Fromm explicitamente proclama, que o homem é um perigoso monstro não em virtude de uma eventual herança animal ou de um contágio so-

cial mas por sua exclusiva condição humana. Na verdade, Fromm dispõe de um magnífico exemplo — Adolf Hitler, a quem não vê como um psicótico típico, mas como um caso agudo de necrofilia, "conscientemente mobilizado para destruir o que está vivo e atraído por tudo aquilo que está morto e apodrecido". "É claro que ele odiava os judeus", observa Fromm, "mas estes foram apenas um grupo daqueles que Hitler queria trucidar. Ele também odiou os alemães, os russos, os poloneses, a humanidade, a própria vida." E como a necrofilia seria, segundo Fromm, ao lado do sadismo, um dos traços permanentes do caráter humano, toda pessoa pode estar guardando, dentro de si, um novo Hitler — "à espera, apenas, de que surja sua hora histórica".

Economia mineira

O ceticismo, a desconfiança e, talvez em maior escala, o obsessivo espírito de poupança do consumidor mineiro têm desafiado seguidamente as mais refinadas técnicas de marketing e comprometido os mais imaginosos artifícios da propaganda. Foi seguramente por esta razão que Belo Horizonte acabou sendo eleita por publicitários de todo o país como praça-teste para o lançamento de produtos menos convencionais — passando ali, é meio caminho andado.

Nos últimos tempos, são os supermercados e sua novíssima geração — os hipermercados — que vêm tentando passar pelo crivo do tradicionalismo mineiro. Consagrados nas grandes cidades por todo um elenco de virtudes que incluem até mesmo preços mais convidativos, só agora, em Belo Horizonte, os supermercados parecem ter assegurado a adesão de 46% dos consumidores — um índice ainda muito reduzido em comparação com os 87% do Rio de Janeiro.

Na verdade, o Jumbo, o primeiro hipermercado da cidade, quase se converteu numa das mais recentes vítimas da desconfiança mineira. Inaugurado há quinze meses pelo grupo paulista Pão de Açúcar, e em meio a uma massiva campanha publicitária em que se ofereciam 60 000 produtos, do feijão ao televisor — e "tudo a crédito" —, o Jumbo teve um início esfuziante e animador. Mas acabou literalmente entregue às moscas ao longo de todo o ano passado.

Publicitários, sociólogos e comerciantes já se apressavam em anunciar o irremediável fracasso do empreendimento, quando, às vésperas do último Natal, a situação novamente se inverteu. Hoje, tranqüilo quanto ao futuro do hipermercado, o supervisor Fernando Esio Costa explica que o miraculoso argumento que convenceu os mineiros tão rapidamente foi de uma linear singeleza — ele simplesmente baixou os preços.